

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

SOBRE O SIGNIFICANTE

Paula Salomão Brock

(Trabalho apresentado em 12 de novembro de 2015 na Jornada de Trabalho da Biblioteca Freudiana de Curitiba.)

“Um significante representa um sujeito para outro significante”. Neste aforismo podemos localizar muitos conceitos que Lacan traz sobre a constituição do sujeito, o inconsciente, o sujeito do inconsciente, a condução do tratamento e outros.

O termo significante é tomado da linguística de Ferdinand Saussure. Este nos mostra que a língua, a linguagem, vai além do idioma falado. Ela traz questões particulares que concernem àquele que fala. Para desenvolver esta ideia ele nos apresenta que a palavra, signo linguístico, é a união do significante ao significado, sendo o significante uma imagem acústica e o significado o conceito.

Esta relação que, para Saussure, se dá na história particular de cada um através do sentido que se pode dar à língua, comparceria na fala e assim poderíamos localizar o sujeito.

Lacan toma o termo significante de forma contrária, afirmando que não é o signo que pode representar o sujeito, mas sim a relação de um significante a outro. Esta diferença é crucial pois, se para Saussure, o sujeito pode ser identificado naquilo que fala, na linearidade de um discurso, para Lacan o sujeito do inconsciente só pode ser capturado no discurso, no corte.

Se retomarmos o algoritmo saussuriano veremos que o significante e o significado são separados por uma barra, trazendo a impossibilidade de o significante abarcar o significado. Esta barra é tomada por Lacan como a barra do recalque. O significante posto pra baixo da barra, recalcado, para assumir lugar na cadeia discursiva, falada, precisa então transpor esta barra. Para entendermos este mecanismo, recorreremos novamente a Saussure que, além de estabelecer a língua como algo individual, também nos traz a maneira como ela se manifesta, pela diacronia e sincronia, metáfora e metonímia.

Para Lacan há uma diferença entre aquele que fala, e aquele que pode ser surpreendido em sua própria

fala, quando então o significante rompe a barreira e assume lugar no discurso. Aquele que fala é tomado por ele como sujeito do eu, produto do imaginário, i(a), já o sujeito que surge na transposição da barra é o sujeito do inconsciente, Je.

Se aquilo que constitui o sujeito do inconsciente é o significante, então nos deparamos com outra afirmação de Lacan, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, não pela língua. Uma vez que o significante é sempre o significante de uma falta, pois a partir dela que há a possibilidade de sua inscrição. Não se trata do sentido que uma palavra pode ter, portanto não nos vale de nada um dicionário, uma vez que a linguagem que nos interessa é aquela onde os significantes formam uma gramática própria, e se repetem.

Esta linguagem, apoiada na língua, possibilita ao sujeito interpretar a mensagem que parte do Outro. É a partir desta relação com o Outro primordial, enquanto barrado, que se dá essa construção que permite a combinação e a possibilidade de estruturação do inconsciente enquanto uma linguagem.

Desde a origem o sujeito esta inserido no funcionamento da linguagem, uma vez que é na relação com o Outro que se constituirá. Ao final do complexo de Édipo, quando a metáfora paterna está instalada, e o sujeito passa a ocupar uma posição fantasmática, ele está submetido à significação fálica, que o colocará na função da linguagem, ou seja operará com a metáfora e a metonímia.

Desde sua posição fantasmática é que podemos fazer a leitura do grafo do desejo que Lacan, no seminário 14, afirma ter construído “para ordenar precisamente o que na função da palavra está definido por esse campo que necessita a estrutura da linguagem, o que se chama vias do discurso ou ainda o que chamei de desfiladeiros do significante” (Lacan, 2008 pag. 31).

Além da metáfora e da metonímia, há outras funções presentes no grafo do desejo e que partiram da linguística: sincronia, diacronia e ponto de estofa. A metáfora brota entre dois significantes onde um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão metonímica com o resto da

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

cadeia, o que seria para Freud condensação e deslocamento respectivamente. Diacronia, ao longo do tempo, cadeia discursiva, e sincronia, num determinado momento, parada na cadeia. Ponto de estofo, o encontro da sincronia e diacronia, que tem por função deter o deslizamento da significação.

A importância da distinção do significante na metonímia e na metáfora é justamente que na metonímia acontece uma conexão dos significantes e não há uma transposição da barra de significação, mantendo-se na diacronia do discurso. Enquanto que na metáfora há uma substituição de um significante por outro onde se produz uma significação, ou seja, a transposição da barra, a sincronia do discurso.

Este funcionamento é importante para esclarecer que não é possível isolar um signo no qual podemos representar o sujeito, como acreditava Saussure. Por isso não podemos isolar um significante; é na relação de um significante a outro que poderemos encontrar uma significação, e não na relação com o significado. Esta é outra diferença importante que Lacan destaca da linguística.

É na cadeia significante que o sentido insiste, mas nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.

O jogo de significantes, universo do discurso, define duas dimensões da metáfora, enquanto que a cadeia pode sempre se unir em uma outra cadeia pela via da operação de substituição, enquanto por outro lado, por essência, ela significa esse deslizamento, que se sustenta nisso: que nenhum significante contém em si próprio alguma significação. (LACAN, 2008, pag 32)

Na Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo, Lacan confirma,

Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo. (LACAN, 1998, pag. 833)

Ainda que a linguagem esteja disponível antes mesmo do surgimento do sujeito, o significante só opera se estiver presente nele. Para explicar como isto funciona, temos o exemplo das portas dos banheiros que se diferenciam pela escrita, homens e mulheres; uma vez tendo sofrido a significação fálica, o falo introduz a dialética da diferença sexual e por isso o

sujeito sabe em qual porta deve entrar. E se caso se depare com outra língua, não deixaria de implicar uma significação a essas palavras, e que da mesma maneira teria que se questionar em qual porta deveria entrar.

Esse exemplo nos ajuda a formalizar uma outra questão importante que Lacan coloca contrariamente à linguística: a remissão se faz de maneira opositiva: homem e mulher; noite e dia; presença e ausência, etc.

E para que exista o acesso a esta significação, é preciso que o sujeito tenha vivido o Complexo de Édipo, ou seja, que a metáfora paterna tenha operado.

No seminário 5, página 181, Lacan coloca que é “na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora”, na medida em que o desejo da mãe é substituído pelo Nome do Pai. Ainda nesta página, “o elemento significante intermediário cai, e o significante se apodera, pela via metafórica, do objeto do desejo da mãe, que então se apresenta sob a forma de falo”. Nessa operação há a instalação do recalque, a barra, que separa o significante do significado e divide o sujeito como desejante.

Lacan (1998) explica que o falo não é uma fantasia, tampouco um objeto e, menos ainda, o órgão, pênis ou clitóris. O falo é um significante e está destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado.

O falo é o significante privilegiado desse marco, a partir do qual o fato do sujeito não poder ser o falo materno, e de não ter o falo que há a cisão do sujeito e a possibilidade de se tornar desejante.

Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo, é um sujeito dividido pela Spaltung, fenda, significante (Lacan, 1998 pag 700).

A partir da significação fálica há a entrada da metáfora e o acesso à linguagem. “O que a cadeia significante revela é a possibilidade, na medida em que existe uma língua comum, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (LACAN, 1957/1998, pag. 508). Há que se servir do material fonético para estruturar a linguagem, que empresta o que seria um código comum para torná-lo totalmenteparticular. Acontece que esta particularidade

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

não é falada como uma mensagem dada ao outro, ela está colocada no discurso de maneira tal que é no corte dele que se produzirá o encontro com a significação que o sujeito deu.

Linguagem que não há como desvincular do sujeito e sua servidão à ela, uma vez que seu lugar já está inscrito em seu nascimento sob a forma de seu nome (Lacan, 1957/1998). Há algo que antecede a formação do sujeito, uma história progressa e que mais tarde ele tem de se reconhecer ali, como então o contador dessa história. Isso que está contado através do discurso, onde as relações se enlaçam pela palavra, e que Lacan substituirá a cultura pela linguagem, é algo que precede o nascimento do sujeito.

O inconsciente estruturado enquanto uma linguagem indica que há em cada um uma construção muito particular, que se dará de um significante a outro para assim constituir o sujeito. Por esta razão, Lacan nos avisa a todo tempo de que o sujeito que nos interessa é o do inconsciente. Afirmando que não há possibilidade de encontrá-lo no deslizamento significante, no enunciado do discurso. Ao tomarmos um analisante devemos estar avisados de que a busca é pela transposição da barra, pelo surgimento da metáfora, pela sincronia, pelo corte no discurso que abre à emergência do sujeito do inconsciente.

Na Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder, Lacan afirma que a interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõe algo que de repente possibilite a tradução.

Nossa doutrina do significante é, para começar, disciplina na qual aqueles a quem formamos se exercitam nos modos de efeito do significante no advento do significado, única via para conceber que ao se inscrever aí, a interpretação possa produzir algo novo. Pois ela não se fundamenta em nenhuma assunção dos arquétipos divinos, mas no fato de o inconsciente ter a estrutura radical da linguagem. (LACAN, 1998, pag. 600)

Mas ao falarmos de sujeito do inconsciente, quem está falando?

Lacan nos mostra que é o sujeito, na síncope do discurso que conjuga seu desejo. Por isso ele afirma tantas vezes que é na dimensão de uma sincronia que devemos situar o inconsciente, ou seja, no nível da enunciação. Lembrando que a sincronia é justamente a parada no discurso, de onde pode brotar a metáfora, a

captura dessa representação, entre dois significantes, a emergência do sujeito.

Já em Freud há a noção de que no nível do inconsciente há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa no nível do sujeito (LACAN, 1964/1985).

Assim como Lacan coloca no seminário 11, Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, que a função do inconsciente é justamente em relação ao corte, “este corte, eu o liguei profundamente à função do sujeito como tal, do sujeito em sua relação constituinte ao próprio significante”. Uma vez que é a partir da barra que se instala no Outro, ou seja, a falta, que o inconsciente é estruturado enquanto uma linguagem.

Se para Saussure era através do sentido do discurso que poderíamos encontrar o sujeito, Lacan traz justamente o oposto ele afirma que é na desconstrução do sentido, na quebra do discurso onde abre a possibilidade do surgimento do sujeito.

Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso. (LACAN, 1998, pag. 801)

Essas contribuições nos levam a entender a razão pela qual o cogito, “penso, logo existo” é questionado, e reescrito por Lacan: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. Lacan, no seminário 11, diz que o sujeito é o sujeito do inconsciente e relembra que, por essa via, se cumpre o imperativo que Freud leva ao sublime da sentenciosidade pré-socrática: *woeswar sollichwerden*, lá onde isso era, eu posso vir a sê-lo, por desaparecer de meu dito.

Não é Freud que introduz o sujeito no mundo; o sujeito como distinto da função psíquica é introduzido por Descartes, mas Lacan coloca que o que há de novo em Freud é afirmar que no campo do sonho, o sujeito está em casa. *Woeswar, sol ichwerden*.

Marc Darmon em seu livro *Ensaio Sobre a Topologia Lacaniana*, afirma:

Lá onde isso estava, é meu dever que eu venha a ser. Lacan traduz assim a frase de Freud, mostrando que esse lugar é um lugar de ser, um lugar de ex-sistenciam. Essa frase descreve a operação simbólica por meio da qual o sujeito deve vir se alojar, trata-se de um imperativo ético, no lugar da enunciação inconsciente. Ele deve se reconhecer em seu lugar, lá onde seu desejo se

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

articula, ou seja, reconhecer no Outro, esse buraco deixado pelo recorte do objeto. (DARMON, 1994)

O sujeito está aí para ser encontrado, lá onde isso estava, é meu dever que eu venha a ser. E para saber que se está lá, só há um método. Lacan cita Freud na Interpretação dos Sonhos, no seminário 11: “Falem de acaso, meus senhores, se isto lhes agrada, eu, em minha experiência, não constato aí nenhum arbitrário, pois isso se entrecruza de tal modo que escapa ao acaso”. Ou seja, já em Freud comparecia a questão de que é no corte do discurso que se surpreenderá o sujeito, escapando do acaso.

Ainda no seminário 11, Lacan afirma que significante e sincronia significativa já estavam em Freud:

Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente percepção e consciência - para que isso passe para a memória, é preciso primeiro que seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que esses Wahrnehmungszeichende devem ser constituídos na simultaneidade. O que é isto - se não a sincronia significativa? E por certo, Freud diz isto tanto mais quanto ele não está sabendo que o diz cinquenta anos antes dos linguistas. Mas nós, nós podemos de imediato lhes dar, a esses Wahrnehmungszeichen, seu verdadeiro nome de significante. (LACAN, 1964, pag. 48).

Não há dúvidas de que desde Freud há uma afirmação de que a possibilidade de se ter acesso ao recalado, não será por uma simples narrativa de sua história, vai muito além do que está falado.

Referencias Bibliográficas:

DARMON, Marc. (1994). *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREUD, Sigmund. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In: SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS VOLUME 10: Tradução Paulo César De Souza, 2010. (Companhia das Letras).

LACAN, Jacques. (1998) “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (1998). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (1998) “A significação do falo”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (1998). “Subversão do sujeito e dialética do desejo”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (1955-1956). O Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. (1957-1958) O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. (1964). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. (2008). A Lógica do Fantasma. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife.